



A Casa Espírita Paulo de Tarso (Marialva/2006-2017): a presença da crença afrobrasileira no espiritismo kardecista

Carolina Cleópatra da Silva Imediato¹

Universidade Estadual de Maringá

O presente artigo objetiva explanar acerca dos hibridismos entre espiritismo e a crença afrobrasileira encontrados nas práticas dos “trabalhadores” da Casa Espírita Paulo de Tarso, em Marialva (2006-2017). A discussão apresentada, nesse momento, está conexo ao Projeto de Mestrado intitulado “As manifestações religiosas espíritas no Paraná: A Casa Espírita Paulo de Tarso (Marialva/2006-2016), vinculado ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá e ao Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades (LERR/UEM). Todavia, a fim de contemplar a temática do simpósio proposto, atentaremos-nos para a especificidade da presença da crença afrobrasileira na Casa Espírita Paulo de Tarso.

É importante ressaltar que a pesquisa se encontra em estágio inicial, sendo que as fontes principais utilizadas são a pesquisa de campo e entrevistas.

Outrossim, faz-se necessário explicar que a pesquisa desenvolvida procura realizar a abordagem científica sugerida por Carlos Rodrigues Brandão (2006), na obra *Pesquisa Participante: a partilha do saber*. Isto é, o grupo constituinte da instituição religiosa objeto de estudo vem sendo analisado por meio da pesquisa de campo. Buscando-se interagir com o movimento religioso, apreendendo sua *práxis*. Ressaltando que o pesquisador procura viabilizar a discussão científica sobre as crenças e práticas, não sendo, todavia, o seu intuito defendê-las ou denegri-las.

A pesquisa participante é pensada em seu sentido metodológico a fim de realizar uma pesquisa de campo que norteie seus princípios. Pesquisa participante, segundo Gabarrón e Landa (2006), pode ser definida como “uma proposta metodológica inserida em uma estratégia de ação definida, que envolve seus beneficiários na produção de conhecimento” (GABARRÓN; LANDA, 2006, p. 113).

De outro lado, Gabarrón e Landa (2006) discutem a identidade epistêmica da pesquisa participante, focando no seu caráter transformador. Evidentemente que a pesquisa que estamos

¹Graduada no curso de Direito pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá (PPH-UEM). Integrante do Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades na Universidade Estadual de Maringá (LERR - UEM). E-mail: carolinaimediato@hotmail.com.



desenvolvendo, embora se paute em preceitos metodológicos da pesquisa participante, não objetiva transformação. Partimos, assim, de “uma realidade concreta – vista como totalidade – e do saber popular” (GABARRÓN; LANDA, 2006, p. 106) para a realização de uma pesquisa de campo.

Gabarrón e Landa (2006), no capítulo *O que é a pesquisa participante?*, citam vários pesquisadores os quais contribuíram para a formação de quadros relacionados à pesquisa participante. Destacam, outrossim, a modalidade da pesquisa popular desenvolvida pelo antropólogo Carlos Rodrigues Brandão:

Está na linha teórica com a etnometodologia e em parte com o interacionismo simbólico. Sua fundamentação séria e sua postura avançada podem considerar-se na perspectiva participativa como uma modalidade teórico-prática emergente [...] Aprofunda-se em especial sobre as estruturas, os processos e o agente de produção-reprodução do saber popular, na medida em que este significa um veículo para fortalecer o poder popular (GABARRÓN; LANDA, 2006, p. 110-111).

A pesquisa participante brasileira, a qual possui como referência Carlos Rodrigues Brandão, pode ser discutida através da categoria de pesquisa popular. Gabarrón e Landa (2006) explicam que a pesquisa popular é um processo de produção de conhecimentos que integram a crítica do saber popular e o científico- acadêmico, resultando em um novo conhecimento transformador, “para uma síntese cognoscitivo-cultural, ou de conhecimento articulado” (GABARRÓN; LANDA, 2006, p. 114).

Dessa forma, a pesquisa popular objetiva fazer uma ciência popular, criando uma ciência em um duplo sentido. Isto é, vê-se engajada na causa popular e ao mesmo tempo pensa a partir da lógica do povo, buscando construir sua verdade por meio das experiências e da maneira em que percebe sua realidade. Para Gabarrón e Landa (2006), a lógica popular, embora não siga os princípios das ciências oficiais, existe e opera no concreto e, assim, expressa sua cientificidade. É nesse sentido que se irá pensar o grupo pertencente à Casa Espírita Paulo de Tarso, em Marialva, e, para tanto, a coleta de dados será instrumentalizada por meio da pesquisa de campo.

Preliminarmente, antes de adentrar às especificidades do grupo estudado, é importante localizá-lo geograficamente: a cidade de Marialva fica no interior do Paraná, situado à Noroeste do estado. A Companhia de Terras Norte do Paraná fundou a cidade de Marialva, conforme explica El-Khatib (1969), na década de 1940. A Companhia planejou o Patrimônio de Marialva entre Mandaguari e Maringá, no trecho conhecido como caminho de Peabiru. Marialva foi



elevada a Distrito de Mandaguari através da Lei Estadual n° 2 de 01/10/1947. A emancipação sobreveio em 14 de novembro de 1951 com a Lei Estadual nº 790/51. A origem do nome da cidade é uma homenagem a D. Pedro de Alcântara Menezes, o Marques de Marialva (1711-1799).

Ricieri (2008) apresenta um breve relato da história da religiosidade marialvense, mencionando alguns templos religiosos. Ricieri (2008) explica, no capítulo sobre “Assistência Social”, que o espiritismo em Marialva surgiu com a criação da Casa da Sopa (1972), fundada pelo casal Silvério Antonio Sozza e Carolina de Mathias Sozza, os quais tiveram dificuldades, uma vez que seria então o primeiro centro espírita kardecista de Marialva. A Casa da Sopa deu origem ao Centro Espírita André Luiz (CEAL), cuja história não nos atentaremos, nesse momento, por não ser o objetivo desse seminário.

Ponto importante, porém, para a compreensão da presente discussão é a dissidência havida entre os anos de 2004 e 2005 no CEAL, após a morte dos fundadores da Casa da Sopa, época em que quantidade significativa de colaboradores se afastaram da instituição. Dessa forma, em 2005, um novo grupo de estudo kardecista começou a se formar. A princípio as reuniões começaram a acontecer na casa da D. Maria Aparecida Maximiano, no bairro Planalto, em Marialva. Esse grupo era bastante diversificado, mas se constituía principalmente de ex-trabalhadores do Centro Espírita André Luiz.

Em informações obtidas através de pesquisa de campo preliminar, foi possível constatar que o grupo que fundou a Casa Espírita Paulo de Tarso surgiu em um grupo de estudos sobre “Evangelho segundo o espiritismo”, um livro do Pentateuco espírita codificado por Allan Kardec (pseudônimo de Hippolyte Leon Denizard Rivail). Os encontros do grupo eram realizados na casa da D. Maria Aparecida do Planalto. Esse grupo cresceu e sessões mediúnicas passaram a ser realizadas, também na casa da D. Maria e sob a supervisão desta.

A procura de pessoas na casa da D. Maria era diária e cresceu muito, o que fez com que seus filhos da D. Maria Aparecida reclamassem da manutenção do grupo em sua casa. Assim, o grupo decidiu procurar outro lugar para fazer os estudos e as reuniões mediúnicas. Alugaram uma casa no Jardim dos Nobres e passaram a se reunir naquele local a partir de 2006.

O grupo que fundou a Casa Espírita Paulo de Tarso se constituía basicamente de pessoas que conheceram o espiritismo através da D. Maria e pessoas remanescentes do Centro Espírita André Luiz (CEAL). A casa alugada para as reuniões foi locada em nome de Lenita (pseudônimo) e Sra. Monika Domene foi a sua fiadora.

As reuniões mediúnicas eram dirigidas por D. Maria e por D. Edileuza (pseudônimo)



e as duas doutrinavam os espíritos atendidos. Após alguns meses, devido a desentendimentos, D. Maria saiu da Casa Espírita e passou a atender as pessoas novamente em sua própria residência.

Antes da saída da D. Maria da Casa Espírita, a mesma era a responsável pelos tratamentos espirituais de cura. Após seu afastamento, a D. Edileuza assumiu a função.

A Casa Espírita Paulo de Tarso se organizou da seguinte forma após a saída da D. Maria do grupo: A D. Edileuza passou a ser a única dirigente dos trabalhos mediúnicos (reuniões mediúnicas e reuniões de desobsessão) e a Presidente da Casa; a Sra. Monika Domene assumiu a tesouraria da Casa e o atendimento fraterno, este último com o auxílio da Sra. Vanessa Batista; o Sr. Marcos Silva passou a ser o doutrinador nos trabalhos mediúnicos.

Com o aumento de frequentadores da Casa, foram acrescentadas outras terapêuticas ao atendimento, como a acupuntura e o reiki. A acupuntura não permaneceu. O reiki continua sendo utilizado na Casa e a sua direção foi assumida pelo Sr. Ney, trabalhador que não participou de sua fundação.

A Sra. Monika Domene registrou a Casa Espírita Paulo de Tarso junto à Federação Espírita do Paraná, através da presidência da 7ª URE (União Regional Espírita) e comunicou o presidente que, embora estivesse se filiando, continuariam a ter as mesmas práticas realizadas antes do referido registro.

Assim, atualmente, na cidade de Marialva, existem dois centros espíritas, regularmente registrados na Federação Espírita do Paraná (FEP): a “Casa Espírita Paulo de Tarso” e a “Sociedade Espírita André Luiz” (ou “Centro Espírita André Luiz” como é conhecida), conforme pode ser verificado pelo sítio² oficial da federação.

A Casa Espírita Paulo de Tarso oferece aos frequentadores palestras semanais, aplicação de reiki diariamente; atendimento fraterno, atendimento mediúnico, grupo de estudo do “Evangelho segundo o espiritismo”, grupo de estudo do ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita), grupo de estudo do livro “O Céu e o Inferno”, grupo de estudo do livro “Nosso Lar” e grupo de apoio ao luto “Maria de Nazaré”, além dos passes, aplicados no mesmo dia de apresentação das palestras.

As palestras são exposições públicas, sempre relacionados a temas espíritas (mediunidade, evangelho, dentre outros), conforme verificado em pesquisa de campo³. Já os

² Disponível em: < <http://www.feparana.com.br/ures/listagem/>>. Acesso em 18 maio de 2016.

³ Pesquisa de campo realizada em diversos dias em ambas as casas, CEAL e Casa Espírita André Luiz.



passes são movimentos com as mãos, feitos sob indivíduos com desequilíbrios psicossomáticos ou que desejam uma ação fluídica benéfica. No Centro Espírita, os passes contam com a assistência, invocada e sabida, dos protetores espirituais⁴.

O atendimento fraterno consiste em receber fraternalmente, através do diálogo, “aquele que busca o Centro Espírita, dando-lhe noções doutrinárias espíritas, para compreensão de suas dificuldades e/ou motivos” (FERGS, 2013, p. 50).

Os grupos de estudo são abertos e versam, na Casa Espírita Paulo de Tarso, sobre alguns livros do pentateuco espírita (O Céu e o Inferno, O Evangelho segundo o Espiritismo e o Livro dos Médiuns) e sobre as obras de Joanna de Angelis⁵, no grupo de apoio ao luto.

Já o reiki não é uma prática precipuamente espírita, e é desencorajada pela FEP – Federação Espírita do Paraná, conforme se pôde verificar através das pesquisas de campo e entrevistas.

O Reiki, segundo Miwa (2012) é uma técnica japonesa de equilíbrio energético, com elementos indianos, criada por Mikao Usui (japonês 1865-1926). Conforme o mito de fundação, Mikao Usui isolou-se no monte Kuruma para meditar sobre um manuscrito budista sobre cura. Permaneceu no monte por 21 dias, no último dia teve uma revelação e compreendeu o manuscrito. Após voltar do estado de consciência, desceu do monte e passou a aplicar o reiki.

A desobsessão, segundo Suely Caldas Schubert (1981), é uma reunião específica para tratar processos obsessivos, isto é, são reuniões especializadas em repelir a ação persistente de um mau espírito sobre um indivíduo.

Para Emerson Giumbelli (2006), a desobsessão é uma atividade mais espiritual do que a mediunidade receiptista. “Trata-se de um ritual cujo objetivo é livrar uma pessoa de uma situação de assédio por parte de uma 'entidade espiritual'. Alla Kardec já falara dela e, no Brasil, ela recebeu um investimento considerável em termos de elaboração intelectual e como prática nos centros espíritas” (GIUMBELLI, 2006, p. 297-298).

A mesa mediúnica, por sua vez, é uma reunião realizada em volta de uma mesa, preferencialmente branca, para comunicação de espíritos, sendo que “o foco principal é a atividade prática, caracterizada por uma reunião mediúnica supervisionada que tem como finalidade oferecer condições propícias para o correto e seguro desenvolvimento da faculdade

⁴João Teixeira de Paula. Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo, pág. 57.

⁵Joanna de Angelis é um espírito que se comunica através do médium Divaldo Franco, autora de diversos livros espíritas, conforme página da editora da FEB, disponível em: <http://www.febeditora.com.br/autores/joanna-de-angelis/>. Acesso em: 8 fev. 2017.



mediúnica à luz do entendimento espírita” (FEB, 2015, p. 13).

Através da pesquisa de campo foi possível perceber a dinâmica da prática da mesa branca (também denominada mesa mediúnica) na Casa Espírita Paulo de Tarso, bem como da prática da reunião de desobsessão.

É sexta-feira e o Jardim dos Nobres já está preparada para a sessão que varará a noite. Ocorrerá a mesa mediúnica. Não apenas se atenderá os sofredores, como também ocorrerá o desenvolvimento mediúnico dos médiuns ostensivos⁶ e conselhos importantes serão ministrados pelo Preto Velho. Os trabalhos são realizados em sessão fechada no salão da instituição. Uma grande mesa branca localizada ao fundo do recinto é o instrumento de concentração dos médiuns.

Antes da mesa mediúnica não pode faltar aquele cafezinho para ser servido para os trabalhadores. A água para ser fluidificada já está sob a mesa, na jarra transparente e coberta com um mosquiteiro. Um trabalhador da casa deve buscar *O evangelho segundo o espiritismo* (Allan Kardec) para a leitura prepatória, afinal a palavra de Cristo eleva a vibração e é importante frisar que o comparecimento dos “*trabalhadores da última hora* é imprescindível para a obra a ser realizada naquela noite” (sic).

Em todas as reuniões que pude presenciar, o rito se iniciou da forma supramencionada. A reunião é marcada para se iniciar às 20h, começando normalmente às 20h15min. Participam dos trabalhos de 8 a 20 pessoas, dentre médiuns ostensivos, médiuns de sustentação (ou não ostensivos) e doutrinador.

Antes da leitura da obra de Allan Kardec citada, os integrantes dão as mãos, sentados em torno da mesa e em uma sua voz recitam o Pai Nosso, “a oração que Cristo nos ensinou” (sic). Antes da leitura do *Evangelho segundo o espiritismo*, comumente há a abertura aleatória de alguma mensagem do livro *Vigiai e Orai* (Carlos Bacelli) ou da obra *Vida Feliz* (Divaldo Franco) por algum dos participantes.

A leitura da obra pertencente ao pentateuco kardecista também se dá a partir da abertura aleatória do livro, crendo-se que o livro será aberto no ensinamento mais pertinente para os trabalhadores naquele momento ou para auxiliar o trabalho da noite. Após, há breve

⁶ “159. Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva” (KARDEC, 2003, p. 234)



discussão sobre os valores contidos na leitura, considerada edificante.

Em seguida, o(a) dirigente do trabalho pede para desligar as luzes e pede proteção aos guardiões espirituais para proceder os trabalhos da noite. Apenas a luz negra permanece acesa, a fim de deixar apenas uma penumbra. Pede-se que os médiuns psicofônicos⁷ e psicográficos⁸ se coloquem à disposição dos espíritos sofredores.

Assim, que o médium psicofônico sente a aproximação do espírito comunicante, já se põe à disposição, iniciando uma fala. O doutrinador que já está em pé, se acerca do médium a fim de dar início a um diálogo. Algumas vezes o desencarnado não sabe de sua condição espiritual, outras vezes o desencarnado sabe de sua condição mas quer permanecer ligado a algum encarnado, ora por amor, ora por ódio. O dirigente guia o pensamento do atendido, mostrando-lhe telas mentais, o passado e o futuro lhes são apresentados. Esses recursos fundamentam o argumento do doutrinador no sentido do atendido acompanhar os trabalhadores espirituais para o local a ser indicado, sempre compatível com a vibração do espírito.

Às vezes se manifestam Caboclos e às vezes as Crianças vêm brincar no fim da sessão, mas sempre Preto Velho tem algo edificante para dizer aos trabalhadores da Casa. Entre reprimendas e incentivos, Preto Velho empresta sua sabedoria aos membros, que ouvem com reverência.

A reunião não tem hora para acabar, sendo que é o dirigente espiritual da Casa que avisa, através do dirigente em Terra, o momento de encerrar os trabalhos. Dessa forma, a reunião pode se encerrar às 22h ou a meia noite, mas nunca no mesmo horário, a depender da demanda da espiritualidade.

As desobsessões ocorrem às segundas-feiras e quartas-feiras à noite e terças-feiras à tarde. A sala de desobsessão apresenta apenas uma penumbra, decorrente da luz negra. Outro ponto da sala é iluminado, a fonte de água possui uma singela luz verde. O incenso aceso na sala traz sensação de acolhimento.

Normalmente há quatro médiuns na sala, sentados próximos da parede e virados para o centro. O consulente senta em uma das duas cadeiras psicoionadas no meio e viradas para o médium dirigente. O doutrinador permanece em pé e promove a fluidez da troca de consulentes.

O consulente senta e diz o motivo pelo qual está procurando ajuda, muitas vezes

⁷Médiuns psicofônicos, segundo Kardec (2003), são aqueles que permitem a comunicação de espíritos através de seu aparelho fonador, isto é, a comunicação se dá por meio dos médiuns falantes.

⁸Para Kardec (2003), médiuns psicográficos são aqueles que possuem a faculdade mediúnica de comunicação através da mão do médium.



chegam com a explicação de seus problemas e pedem limpeza espiritual. Os médiuns videntes irão procurar possíveis espíritos que possam estar acompanhando o atendido encarnado, às vezes o dirigente desdobra até a residência do socorrido para realizar a limpeza da casa, dissipando os miasmas deletérios e promovendo a captura de espíritos mal-intencionados.

Quando o consulente está sofrendo uma obsessão, o espírito responsável ou um dos espíritos responsáveis é atraído até um médium psicofônico. Em seguida, por meio do doutrinador o obsessor é dissuadido de continuar a perseguição. Para tanto, o doutrinador conduz o pensamento do espírito, através de sugestões pinta o quadro de sua tela mental. Isto é, utiliza a narrativa para criar uma imagem mental que corrobore seus argumentos. Caso o obsessor resista, não é permitido que volte à companhia do obsediado naquela noite, sendo levado para local compatível com a sua vibração. Se convencido, o obsessor continua sendo esclarecido pelos trabalhadores desencarnados e é atendido no pronto socorro espiritual.

Na sessão de desobsessão o consulente pode receber passes ou ter uma peça de roupa energizada. Além disso, o dirigente tira possíveis dúvidas do atendido acerca do atendimento e recebe orientações de como evitar más influências espirituais, podendo ser aconselhado a se submeter a sessões de reiki, assistir palestras, participar de grupos de estudos (no caso de se tratar de um médium não desenvolvido) ou ainda procurar ajuda médica.

Muitas orientações são ministradas pelo Preto Velho, o qual também aplica passes e medicamentos da floresta, trazidos pelos Caboclos, colocados em regiões específicas do corpo do consulente ou diretamente em algum chakra, através da imposição de mãos do dirigente.

O Preto Velho se apresenta na Casa Espírita Paulo de Tarso como sendo um negro muito idoso, escravo na última encarnação, o qual se move curvado e com muita dificuldade, não só pela idade, mas também devido suas faltas no uso de seu conhecimento (estigma): narra-se que o referido Preto Velho realizou quando encarnado muitos abortos e manipulou ervas venenosas para venda a todo aquele que quisesse e pudesse pagar pela poção, tendo agora a oportunidade de ser um trabalhador do Cristo e então se redimir dessas dívidas.

Percebe-se que a representação *supra* se coaduna com o que é apresentado pelos estudiosos das crenças afrobrasileiras. Berkenbrock (1997) explica que os pretos velhos são espíritos calmos, sempre pronto a ajudar, resignado, aquele que envelheceu por ter sofrido calado, que revida com bondade as maldades de seu senhor. O Preto velho é o estereótipo do escravo que faz tudo que o seu senhor lhe ordena. “Ele é submisso, piedoso e sábio” (BERKENBROCK, 1997, p. 1997).

Conforme Barros (2010), os Pretos-velhos são entidades mais cativantes, conhecidos



por serem espíritos de ex-escravos africanos do período da escravidão e pós abolição. Denotando a vida sofrida daquele trazidos para esta terra, provenientes de condições únicas quanto aos maus tratos sofridos em suas curtas vidas pós chegada ao Brasil.

Esta entidade representa aqueles poucos homens que atingiam uma idade avançada e personificavam os patriarcas de sua raça, trazendo consigo os saberes referentes às experiências da longa vida. “Aquele que deve ser ouvido e cujos conselhos devem ser seguidos” (BARROS, 2010, p.301). Desta forma, são marcados por grande tolerância, uma simplicidade rústica e profundo sentimento de caridade.

Vagner Silva (2005) lembra que, na Umbanda, os Pretos Velhos, o Caboclo e as Crianças são espíritos que estão abaixo dos orixás, isto é são considerados espíritos menos evoluídos. Estas entidades, por sua vez, embora recebam nomes próprios - como Caboclo Sete Flechas, vovó Maria Conga, preto velho Pai João, etc –, reportam-se a elementos e configurações da sociedade brasileira, como, por exemplo, o Caboclo, que remete ao indígena tão enaltecido na literatura brasileira e com a difusão da pajelança, e o preto velho, que rememora o negro escravizado e em tenra idade andando, por isso, de modo curvado e com dificuldades.

De acordo com José J. M. Zacharias, os Pretos Velhos são guias importantes nas crenças afrobrasileiras:

Representam os antigos negros escravos que, não tendo cumprido sua missão na terra, voltam para fazer caridade. Sempre muito velhos e alquebrados, andam com dificuldade e encurvados. Ouvintes paciosos, expressam compreensão pelas dificuldades humanas, e são ótimos conselheiros. Apresentam uma sabedoria simples e pragmática, sempre insistindo na paciência e resignação, como eles próprios se resignaram à escravidão e perdoaram o feitor (ZACHARIAS, 1998, p. 38-39).

Para Zacharias (1998), tais entidades, além disso, são consideradas excelentes mandingueiros ou feiticeiros, sendo que sua força encontra-se, especialmente, na magia e sabedoria que manipulam. É costumes serem denominados como vovô ou vovó ou, ainda, pai e mãe o que demonstra uma proximidade e relação carinhosa com as referidas. Dentre elas, destacam-se: Pai Benedito, Mãe Joana da Guiné, Vovó Quitéria e Pai José de Aruanda.

Vê-se que a figura do Preto Velho é muito importante nas práticas da Casa Espírita Paulo de Tarso. Os Caboclos e as Crianças ou Erês, embora se manifestem menos, sempre estão presentes, conforme relatados pelos médiuns videntes. Nesse diapasão torna-se relevante pontuar algumas características dessas entidades, tão importantes na crença afrobrasileira.



O índio ou o Caboclo, por sua vez, é o herói nacional, aquele que não se deixou escravizar. É representado, conforme expõe Berkenbrock (1997), como homem forte, corajoso, livre, guerreiro, teimoso. “Esta imagem dos índios foi espalhada sobretudo pela literatura romântica e fixou-se no imaginário popular: o índio como homem bom e forte, como símbolo da nação” (BERKENBROCK, 1997, p. 147). Diferente dos Pretos Velhos, o Caboclo é imprevisível.

Os caboclos são compreendidos, para Barros (2010), como pessoas que viveram em terras brasileiras durante o período colonial e escravista, assemelham-se com caçadores, guerreiros e grandes conhecedores das matas e da terra. Quando incorporados, entoam “brados” codificados, que constituem sua linguagem usual e cumprimentos entre si. Comunicam-se numa espécie de mescla do português e o tupi, soando “enrolado” para os ouvintes. São almas simples, auxiliam aqueles que buscam seu socorro. Não é apenas o bom selvagem, mas sábio e justo.

Na Casa Espírita Paulo de Tarso, os Caboclos se apresentam como guerreiros, fortes, e conhecedores das ervas medicinais, os quais trabalham juntamente com os Pretos Velhos, buscando nas florestas as ervas necessárias para a manipulação do medicamento, os quais são aplicados sob o perispírito do encarnado ou do desencarnado.

Para Barros (2010), dentre as entidades diversas, é possível encontrar algumas em comum na religiosidade kardecista e no rito umbandista, as quais interessam para a presente reflexão: as “Crianças”, que são a representação da pureza, inocência; os “Caboclos”, os quais representam a simplicidade, a arrogância, a altivez; e os “Pretos Velhos”, que apresentam a humildade e a compaixão.

Os Pretos Velhos, conforme se pôde verificar na pesquisa de campo, ditam a dinâmica do trabalho, solicitando auxílio aos caboclos ou às Crianças, bem como liderando os guardiões na defesa da Casa.

Os Erês, na Casa Espírita Paulo de Tarso, são denominadas apenas de “Crianças”. Costumam dar conselhos também, porém em um tom mais infantil, bem como vêm para acompanhar sofrendores quando estes desencarnaram ainda quando criança.

José Jorge de Moraes Zacharias (1998) salienta que as Crianças representam a infantilidade livre e solta de qualquer restrição. “Embora sejam crianças travessas são sempre bem intencionadas, demonstram sua força espiritual na inocência infantil” (ZACHARIAS, 1998, p. 39).

Barros (2010) descreve as Crianças como sendo guias infantis, com personalidades



alegres e denotando infantilidade por meio de suas ações. Trazem consigo chupetas, comem doces e não demonstram senso de moralidade, responsabilidade e costumam fazer brincadeiras nem sempre inocentes, mas se resguardam sobre o estigma de que “são crianças” e “ainda não cresceram” (BARROS, 2010, p. 302)

Normalmente, as crianças possuem entre três e seis anos de idade, conforme descreve Zacharias (1998), porém, às vezes se apresentam um pouco mais velhas na Casa Espírita Paulo de Tarso. Em todo o caso os objetivos de sua manifestação são os mesmos, trazer uma palavra de carinho ou buscar uma criança ou adolescentes recém desencarnados.

Na Casa em tela, as Crianças costumam se manifestar, por meio de médiuns psicofônicos, no fim da reunião de mesa branca, oportunidade em que aproveitam para energizar os trabalhadores e distribuir-lhes rosas etéreas.

De outro lado, no arcabouço da crença umbandista existem ainda outras entidades, como os ciganos, os boiadeiros, os baianos, os marinheiros, exus e pombagiras. Todavia, não os exploramos melhor por não serem o objeto da presente discussão.

As práticas espíritas descritas nesse artigo são compreendidas como elementos de uma religião, se não vejamos o que Solange Ramos de Andrade (2015):

A religião se configura como um conjunto de crenças e práticas que procuram dar respostas às várias questões que o homem levanta. É a crença no sobrenatural e na estreita relação que este estabelece com o mundo em que vivemos (ANDRADE, 2015, p. 21).

Em um primeiro olhar, é possível averiguar a presença intensa de elementos de variadas religiosidades, que iremos tratar por Hibridismo. Segundo Peter Burke (2010), é preciso um cuidado ao conceituar a forma como tais elementos se misturam e o caráter que se dá a tal mescla. Tal discussão permeia por vários autores como Freyre, Herskovits e Bakhtin. Em tal conjuntura, vale lembrar também os trabalhos desenvolvidos por Edward Said e Nestor Canclini, os quais explicam que a história de todas as culturas hoje é a história de apropriação cultural. Cada um dos citados estabelece uma possibilidade de análise e utilização deste conceito, que não se encerra e permanece em transformação:

Hoje, o termo "hibridismo" aparece com frequência em estudos pós-coloniais, na obra de Edward Said, por exemplo. "Todas as culturas estão envolvidas entre si", escreve Said a respeito de nossa situação atual, "nenhuma delas é única e pura, todas híbridas, heterogêneas". (BURKE, 2010, p. 53)

No caso da Casa Espírita Paulo de Tarso, a pesquisa de campo revelou que além de



elementos advindos das crenças orientais, é forte a presença dos elementos das religiões afrobrasileiras. Peter Burke (2003) relembra que a trocas nas cidades não ocorrem somente no âmbito do comércio, sobretudo há trocas culturais, “onde pessoas de diferentes origens se encontram e interagem” (BURKE, 2003, p. 70). Nesse contexto, podemos entender que as crenças em entidades como Pretos Velhos, em Marialva, se constituiu de forma híbrida, sobretudo porque não há referência dessas entidades nas obras de Allan Kardec (Pretos Velhos, Caboclos, Erês, guardiões, etc.), isto é, houve um processo diferenciado de assimilação desses elementos, os quais denominaremos de hibridização, conforme explica Peter Burke (2003), na obra *Hibridismo Cultural*. Peter Burke (2003) ressalta que “não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos e sim, pelo contrário, um *continuum* cultural” (BURKE, 2003, p. 14).

Ressalta-se que várias práticas da Casa Espírita Paulo de Tarso podem ser compreendidas como hibridizações, na medida que não são comuns em centros espíritas kardecistas, tais como o reiki e a manifestação de Pretos Velhos.

Segundo Peter Burke (2003), a hibridização é um processo histórico que existe em todas as culturas do mundo. Não é correto, portanto, se falar em imitação. Inclusive, essa é a crítica que o autor faz à ideia de apropriação, comumente associada a acusações de plágio cultural.

Estas zonas de fronteiras, como cidades cosmopolitas, podem ser descritas como “interculturais”, não apenas locais de encontro, mas também sobreposições ou interseções entre culturas, nas quais o que começa como uma mistura acaba se transformando na criação de algo novo e diferente (BURKE, 2003, p. 73).

Berkenbrock (1997) recorda que o sincretismo brasileiro iniciou-se pela acomodação, em que os africanos utilizava as imagens dos santos apenas para enganar os brancos. Após, passou-se para uma fase de assimilação, isto é, a utilização dos santos era motivada por uma correspondência entre Orixás e santos católicos, referente às características que os assemelhavam. Lembrando que Volney Berkenbrock (1997) utiliza a categoria de sincretismo para discutir a absorção de características religiosas por outra religião. Todavia, admite que é um processo de mão dupla e não apenas o resultado de uma subjugação de uma religião pretensamente dominante sobre a outra.

O espiritismo no Brasil, tal como se deu com o catolicismo, foi enriquecido com elementos das religiões das quais teve contato, como a crença afrobrasileira, a crença oriental



e a crença católica. As identificações com o espiritismo das entidades afrobrasileiras, da mesma maneira que ocorreu com os santos, se deu pela lógica do objetivo. Vê-se que a manifestação do Preto Velho, do Caboclo e da Criança na Casa Espírita Paulo de Tarso supre os objetivos das manifestações espíritas corriqueiras (médicos, sacerdotes, etc.). Berkenbrock (1997) explica esse fenômeno a partir da busca pela experiência religiosa, pelo transcendente, o qual se apresenta como sendo mais importante do que a busca pela pertença formal a uma determinada confissão ou religião. “Por isso, a sobreposição ou paralelidade de diversas ideias e práticas religiosas não é sentida como contradição, mas sim apenas como uma possibilidade a mais à disposição” (BERKENBROCK, 1997, p. 136-137).

São ocorrências como a narrada presetentemente que fundamentam a afirmativa de muitos estudiosos que falam de um “espiritismo à brasileira”, referindo-se às hibridizações ocorridas no Brasil, as quais mutaram substancialmente o espiritismo kardecista importado da França. Sobre o espiritismo e suas singularidades à brasileira Célia da Graça Arribas (2014) pontua que:

a tendência de uma religiosidade de traços místicos própria do Comandante⁹ inaugurou um espaço para práticas até então inusitadas no espiritismo, e com elas vieram as ramificações. As noções de karma, chakras, kundaliní e outras de origem oriental ou esotérica abraçadas por ele, juntamente com práticas como a cromoterapia e a apometria, abriram caminho para grupos alternativos.

Berkenbrock (1997) frisa que o espiritismo se espalhou pelo Brasil na segunda metade do século XIX, todavia, com certa divisão “entre aqueles que assumiram o espiritismo como ciência ou no máximo uma filosofia religiosa e aqueles que assumiram e participaram o espiritismo como religião” (BERKENBROCK, 1997, p. 144).

Surgiu, assim, no Brasil duas espécies de espiritismo: um é o espiritismo de intelectuais, médicos, engenheiros, quer dizer, da pequena burguesia. Neste nível o espiritismo quer ser entendido como ciência de experiências e entendimento dos fenômenos paranormais e parapsicológicos. O outro espiritismo é o do povo – brancos em sua maioria –, que tem uma expansão muito maior e no qual se prega o evangelho de Allan Kardec. (BERKENBROCK, 1997, p. 144-145)

As convicções referentes à caridade e solidariedade, muito fortes no espiritismo, possibilitaram, conforme explica Berkenbrock (1997), a sustentação de uma grande rede de assistência social com creches, escolas, hospitais e asilos. Devido a essas práticas e a

⁹Célia Ribas (2014) está se referindo a Edgard Armond (1894-1982), militar que foi Comandante da Força Pública do Estado de São Paulo e exerceu liderança na Revolução de 1922.



identificação do espiritismo como religião dos pobres e sem ajuda, houve o contato entre o espiritismo e as religiões afrobrasileiras, no Brasil.

Embora o contato entre o espiritismo e as religiões afrobrasileiras tenha oportunizado o contato com espíritos de mortos diversos, tais como dos índios e dos antepassados africanos, não há igualdade de direitos. Berkenbrock (1997) explica que os negros assumiram o espiritismo como religião e como reconhecimento da crença nos espíritos, todavia, os espíritos dos negros foram separados dos espíritos dos brancos. Assim, a “barreira de preconceitos sociais é transportada também para o nível do sacral” (BERKENBROCK, 1997, p. 148).

Ao revés do que se encontra em muitos centros espíritas kardecistas, na Casa Espírita Paulo de Tarso, verificou-se que os Pretos Velhos, Caboclos e Crianças são bem recebidas pelos trabalhadores e não são consideradas entidades a serem evangelizadas, pelo contrário, são entidades que têm conhecimento para passar aos encarnados. Todavia, cabe salientar que as entidades ditas de esquerda (exus, pombagiras, malandros, marinheiros, dentre outros) não recebem o mesmo tratamento na Casa pesquisada, havendo correlação implícita entre guardiões e exus, apenas, mas não sendo permitida a manifestação falada dos mesmos.

A partir da pesquisa de campo realizada em 2016, na Casa Espírita Paulo de Tarso (Marialva-PR), foi possível perceber a presença da manifestação de algumas entidades que não pertencem ao arcabouço espiritual kardecista. Durante as sessões, foi observado que alguns médiuns receberam entidades da Umbanda, sendo que os Erês foram denominados apenas como “Crianças”. Diferentemente do que se observa nas crenças afrobrasileiras, não há oferecimento de alimentos para as entidades na Casa Espírita Paulo de Tarso. Embora existam diferenças, algumas práticas perpretadas pelos Pretos Velhos, Caboclos e Crianças são correlatas às práticas encontradas em crenças afrobrasileiras, de maneira a expressar um processo de hibridismo entre o espiritismo kardecista e as religiões de matriz africana. Ressaltando-se que os apontamentos aqui apresentados são reflexões iniciais a respeito das fontes utilizadas no Projeto, bem como esse artigo não pretende esgotar a discussão sobre estas, possibilitando diversas outras considerações acerca da temática.

Fontes:

GUIMARÃES, Tânia Braga. *Os campos precisam florir: relatos de Dona Cida, uma vencedora*. Biografia. 2014.

IMEDIATO. C. C. da S. *Pesquisa de Campo na Casa Espírita Paulo de Tarso*. 1. 14/02/2016. Horário 19h00min às 23h30min.

IMEDIATO. C. C. da S. *Pesquisa de Campo na Casa Espírita Paulo de Tarso*. 2. 05/04/2016.



Horário 20h00min às 23h15min.

IMEDIATO. C. C. da S. *Pesquisa de Campo na Casa Espírita Paulo de Tarso*. 3. 03/06/2016.

Horário 19h40min às 22h10min.

IMEDIATO. C. C. da S. *Pesquisa de Campo na Casa Espírita Paulo de Tarso*. 4. 17/06/2016.

Horário 19h50min às 23h40min.

IMEDIATO. C. C. da S. *Pesquisa de Campo na Casa Espírita Paulo de Tarso*. 5. 08/07/2016.

Horário 20h00min às 22h50min.

IMEDIATO. C. C. da S. *Pesquisa de Campo na Casa Espírita Paulo de Tarso*. 6. 21/10/2016.

Horário 19h40min às 23h45min.

IMEDIATO. C. C. da S. *Pesquisa de Campo na Casa Espírita Paulo de Tarso*. 7. 31/10/2016.

Horário 20h00min às 21h30min.

IMEDIATO. C. C. da S. Entrevista com Roque Souza. 1.

IMEDIATO. C. C. da S. Entrevista com Roque Souza. 2.

Referências:

ANDRADE, Solange Ramos de. *Santo de cemitério: a devoção ao Menino da Tábua* (1978-1994). Maringá/PR: Eduem, 2015.

ARRIBAS, Celia da Graça. No princípio era o verbo: espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira. 2014. 255 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade São Paulo, São Paulo.

AZEVEDO, José Lacerda de. *Espírito/Matéria: novos horizontes para a medicina*. Porto Alegre: VEC, 2002.

BARROS, Sullivan Charles. *As entidades "brasileiras" da Umbanda*. In: ISAIA, Artur Cesar. MANOEL, Ivan Aparecido. *Espiritismo & religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012, p. 291-317.

BERKENBROCK, Volney J. *A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

DEL PRIORE, Mary. *Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo*. São Paulo: Planeta, 2014.

EL-KHATIB, Faissal. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO RIO GRANDE DO SUL, 3ª ed. *Atendimento Espiritual no Centro Espírita*. Porto Alegre: FERGS, 2013, p. 50.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estudo e prática da mediunidade*. Rio de Janeiro: FEB, 2015, p. 13. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Estudo-e-pratica-da-mediunidade-II.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2017.

GABARRÓN, Luis R.; LANDA, Libertad Hernandez. *O que é a pesquisa participante?* In.: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. *Pesquisa participante: a partilha do saber*. Aparecida-SP: Ideias e Letras, 2006, p. 93-121.

GIUMBELLI, Emerson. *Espiritismo e medicina: introjeção, subversão, complementaridade*. In.: Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea. Uberlândia-MG: EDUFU, 2006.

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/136.pdf>. Acesso em 05 mar. 2017.

_____. *O livro dos espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/135.pdf>. Acesso em 4 set. 2016.

MIWA, Marcela Jussara. *Com o poder nas mãos: em estudo sobre johrei e reiki*. Ribeirão Preto: USP, 2012. 123 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica, Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto,



2012.

SCHUBERT, Suely Caldas. *Obsessão e Desobsessão*. Rio de Janeiro: FEB, 1981.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. *Ori Axé: a dimensão arquetípica dos orixás*. São Paulo: Vetor, 1998.